



Projeto Co-financiado
pela União Europeia



ROTAS DO FOGO

**Modelo do Agroturismo como Reforço das Organizações
Locais do Turismo Rural e Sustentável na Ilha do Fogo**



MANIFESTO EDITORIAL

A **Newsletter** Rotas do Fogo pretende ser um veículo de comunicação entre o homónimo projeto e a sociedade cabo-verdiana.

O projeto Rotas do Fogo é uma iniciativa cofinanciada pela **União Europeia** e implementada pela **COSPE**, que visa **Melhorar as condições socioeconómicas e de proteção ambiental nas zonas rurais da Ilha do Fogo, promovendo o Turismo no Espaço Rural**, através da difusão do modelo do **agroturismo** e da melhoria da qualidade dos serviços prestados pelas associações e produtores locais. Para o cumprimento desses objetivos o projeto prevê a execução de um conjunto de atividades, cuja implementação contará com a participação ativa de parceiros locais e internacionais, todos já engajados em compromisso firme para o sucesso do mesmo.

Esta Publicação, além de veicular informações resumidas sobre o projeto, pretende ser um instrumento de interação com os diferentes segmentos populacionais da Ilha do Fogo, que seja, de facto, uma **“janela aberta”** donde saem informações identitárias da Ilha.

Apresentaremos as atividades implementadas no âmbito do Projeto e varias rubricas de permanência, nomeadamente **“Fogo, Turismo e Natureza”**, aonde exporemos elementos expressivos da Ilha,

como sendo marca da sua identidade; **“Sabores do Fogo”**, sendo evocado em cada edição um sabor típico da Ilha; **“Historia, Sociedade e Cultura foguenses”**, uma rubrica em que serão abordados aspetos históricos, sociais, culturais, económicos, etc., numa perspetiva de também divulgar a sociedade foguense, como ingrediente interessante para um turismo cultural e de contato humano; **“Lugares do Coração”**, representa um espaço em que tentaremos dar testemunho de um lugar simbólico, que pode ser de interesse turístico; um espaço para Entrevista, aonde será abordado qualquer tema relacionado com o turismo e a execução do projeto, com diferentes pessoas e entidades; por fim uma resenha chamada Eventos, que é a divulgação de eventos que terão lugar nos próximos três meses.

A nossa publicação tem a periodicidade trimestral e agradecemos desde já toda a colaboração que pessoas e instituições puderem dar com vista à divulgação do rico património social, cultural, paisagístico/ambiental, histórico, gastronómico e económico do Fogo.

Giovanni Barbagli
Coordenador do Projeto





ATUALIZAÇÕES DO PROJETO

1. Lançamento Oficial do Projeto Rotas do Fogo



No dia 19 de Março, na cidade de São Filipe, decorreu o lançamento oficial do Projeto Rotas do Fogo. A cerimónia, que reuniu 47 pessoas, contou com a prezada participação da Sra. **Embaixadora da União Europeia**, bem como dos **Srs. Presidentes das três Câmaras Municipais** da Ilha.

Saúda o Fogo como a ilha do café, do vinho e de pessoas acolhedoras, a Sra. Embaixadora da União Europeia, Dra. Sofia Moreira de Sousa, realçando que “a União Europeia tem uma parceira com esta ilha há muito tempo, visando incentivar o desenvolvimento económico sustentável”. A Sra. Sofia ficou maravilhada, não só pela variedade de produtos que aqui se encontram, mas também pelas pessoas que têm grande teimosia de vencer e de mostrar a força desta Ilha.

“O projeto Rotas do Fogo vai promover o agroturismo, um tipo de turismo inovador, que melhorará a oferta turística da Ilha” afirma o **Sr. Jorge Nogueira, Presidente da Câmara Municipal de São Filipe**, enquanto o **Sr. Fábio Vieira, Presidente substituto da Câmara Municipal dos Mosteiros**, afirmou que o Projeto “veio em boa hora, uma vez que os propósitos do mesmo darão um grande contributo para o desenvolvimento do turismo na ilha do Fogo”. Sempre falando do Turismo, o Sr.

Alberto Nunes, Presidente da Câmara Municipal de Santa Catarina, informa “que as três Câmaras Municipais da Ilha estão dando boa ênfase ao turismo, sendo que as oportunidades são muitas, mesmo que os recursos sejam limitados”. Aproveitando a presença simultânea de todos os parceiros, o **Coordenador** do Projeto enfatiza o grande valor desta iniciativa por ter uma parceria tão variada que constitui uma grande oportunidade, não somente para o alcance dos objetivos do Projeto, mas também para estimular dinâmicas de desenvolvimento local participativo e durável.

Após apresentação detalhada do Projeto, outras importantes contribuições foram fornecidas pelos parceiros, a saber o perito técnico do CERAI, o **Sr. Alberto Rodrigues**, falou sobre a abordagem agroecológica, uma metodologia produtiva, promovida pelo projeto, ecologicamente compatível e sustentável a longo prazo. O **Sr. Herculano Dinis**, técnico do Parque Natural do Fogo, enfatiza as sinergias entre o papel do Parque e os objetivos do Projeto, o que vai com amplificar o impacto na promoção do Fogo como destino ecoturístico diferenciado. “Aumentar e diversificar a oferta turística para que a permanência dos turistas na Ilha seja mais prolongada e não exclusivamente ligada com uma breve visita ao Vulcão” é de facto uma das maiores preocupações dos atores da cadeia do turismo, como evocou o **Sr. João Pedro de Pina, Presidente da Associação de Guia Turísticos de Chã das Caldeiras**. Conceito reiterado também na intervenção da **Dra. Carla Cossu**, que, na sua qualidade de **representante da COSPE** em Cabo Verde, falou sobre o Agroturismo, um modelo turístico que associa produção agropecuária e turismo, que poderia então adaptar-se perfeitamente à realidade do Fogo.



2. Celebramos o Dia Internacional das Florestas



A 21 de Março, celebrámos o Dia Internacional das Florestas, com a realização de uma **formação a 60 estudantes e 4 professores** das **escolas secundárias** dos Mosteiros, de Ponta Verde, de São Filipe e de Santa Catarina. A iniciativa contou com a colaboração do **Parque Natural do Fogo** e da **Delegação do Ministério da Agricultura e Ambiente**. Durante a formação, que teve lugar no **perímetro florestal de Monte Velha**, os estudantes tiveram a possibilidade de conhecer as **plantas endémicas** e o sistema da floresta artificial, que constitui o pulmão do Fogo, sendo a área mais densamente arborizada da Ilha.



Durante esta atividade estudantes e professores aprenderam noções relativamente ao funcionamento dos **ecossistemas naturais** e a importância de sua proteção. Por fim, os participantes foram informados sobre as ações de **requalificação ambiental** e de **valorização turística** visadas pelo projeto Rotas do Fogo, que vão ser implementados naquela área.

3. Encontro nos Mosteiros para a instituição dum Comité para a Requalificação de Monte Velha

Dia 29 de Março efetivou-se um **encontro técnico** entre a **coordenação do Projeto**, a **Câmara Municipal dos Mosteiros**, o **representante do Parque Natural do Fogo** e o **Sr. Delegado do Ministério da Agricultura e Ambiente**, sob o tema da **requalificação da área de Monte Velha** e particularmente dos espaços exteriores da antiga **Residência do Presidente da República**, situada no meio do perímetro florestal e que tem um grande potencial do ponto de vista turístico. Esta atividade seguiu um levantamento técnico realizado anteriormente pelos mesmos parceiros.

O objetivo do encontro foi o de atualizar sobre o **Plano de Requalificação** e o de instituir um **Comité ad hoc**, composto pelos vários atores que vão intervir para reabilitar jardins e viveiros da antiga **Residência Presidencial**, estradas carroçáveis e percursos pedestres, de maneira a favorecer a criação de um agro-parque, que desempenhe um papel estratégico na divulgação ambiental e no melhoramento de serviços para os ecoturistas.



4. Capacitação de Guias Turísticos



Entre 29 de março e 6 de abril foi ministrada a primeira sessão de **formação em inglês básico** para os **Guias Turísticos de Chã das Caldeiras**, constando de 40h de formação presencial. A atividade foi efetivada em colaboração com o **Centro de Emprego do Fogo e Brava**, tendo disponibilizado o formador, enquanto o Parque Natural, disponibilizou o espaço para ministrar a formação.

A iniciativa envolveu **20 guias ativos** na área do vulcão com intuito de eles se familiarizarem com os vocábulos do inglês turístico, a fim de aumentar suas competências linguísticas e fornecerem um serviço melhor aos turistas estrangeiros, muitos dos quais só falam inglês. A iniciativa foi acolhida com muito entusiasmo pelos beneficiários que participaram assiduamente da formação e solicitaram mais ações deste tipo!

5. Identificação de caminhos botânicos e paisagísticos

Ao longo do primeiro trimestre de 2018, foram efetivadas algumas visitas de terreno, no intuito de identificar novos **caminhos pedestres** na área do **Parque Natural do Fogo** a serem valorizados do ponto de vista turístico. Muitos destes trilhos apresentam características interessantes, pois abrigam **endemismos botânicos** ameaçados de extinção e vários atrativos para os ecoturistas, tais como **maravilhosas paisagens, antigas construções**, que testemunham a singularidade da história da Ilha, grutas e outros fenómenos geológicos.

Apesar destas potencialidades existirem, alguns percursos identificados precisam de reabilitação e de limpeza dado que atualmente não estão em condições para ser percorridos facilmente. A visita a esses caminhos foi realizada pela equipa do projeto e seus parceiros (**Câmara Municipal dos Mosteiros, Parque Natural do Fogo, Associação de Guias Turísticos de Chã das Caldeiras**).



RUBRICAS



FOGO

TURISMO

E

NATUREZA

A **natureza** de Cabo Verde é rica e variada, apresentando vários **endemismos**, que apenas encontram-se aqui! Infelizmente a ação do homem produz um impacto muito negativo sobre a esmagadora maioria das espécies nativas, quer animais, quer vegetais e atualmente muitas delas são ameaçadas pelas alterações, a destruição do ambiente natural, a sobre-exploração e a introdução de espécies exóticas que constituem um grave risco à sobrevivência das espécies locais. É ponto assente que a salvaguarda do património ambiental e natural constitui uma ferramenta essencial para o **Desenvolvimento Humano** e também para a promoção de formas de turismo sustentáveis, como o **Ecoturismo**, que é o segmento do turismo que valoriza o património natural, ambiental e cultural.

Neste número apresentamos uma espécie botânica muito particular, conhecida como Dragoeiro (*Dracaena draco*), uma das plantas mais emblemáticas do arquipélago Cabo-verdiano e endémico da região da Macaronésia (Açores, Madeira, Canárias, Cabo Verde). O Dragoeiro pode ser considerado como um fóssil botânico,

vivo, sendo uma espécie muito antiga. Os exemplares adultos apresentam tronco rugoso, robusto, que pode atingir os 13 metros de altura, mas o crescimento é muito lento (apenas alguns cm cada ano) e a planta é longeva, **atingindo até 650 anos de idade!** O espécimen mais antigo conhecido, encontra-se na Ilha de Tenerife (Canárias), cuja idade tem sido estimada em mais de 600 anos! Plantas de pelo menos 10 anos produzem flores brancas com cheiro doce, seguidas por frutas cor laranja, redondas e comestíveis. A seiva, de cor vermelho-sangue, depois de ser exposta ao ar, forma uma substância pastosa que era vendida a alto preço na Europa, como sangue de dragão. Era utilizada largamente em farmacologia, sendo considerada uma panaceia para todos os males, desde problemas respiratórios a problemas intestinais. É também utilizada no fabrico de verniz, sobretudo para violinos, em tintas para pinturas, acreditando-se mesmo que algumas das pinturas rupestres tenham sido desenhadas com seiva de dragoeiro. Julga-se que tenha sido este o primeiro vermelho a ser utilizado nas pinturas da Antiga Grécia, precisamente para representar o sangue.

Em Cabo Verde, onde existe uma subespécie local, conhecida como *Dracaena draco caboverdeana*, ocorre espontaneamente nas Ilhas de Santo Antão, São Nicolau e Fogo. O seu número ao estágio espontâneo diminuiu muito, devido a exploração excessiva por parte do homem (medicina tradicional), a destruição do seu ambiente natural e a introdução de plantas exóticas invasoras. **Encontra-se hoje numa situação de grave ameaça de extinção** e precisa de programas específicos de proteção e reintrodução, em ambientes requalificados. No Fogo apenas alguns exemplares permanecem na área do Parque Natural, nas escarpas pouco acessíveis, viradas para o mar e particularmente no perímetro florestal de Monte Velha.

Penedo Rachado / Mosteiros – Ilha do Fogo



Devido às suas características morfológicas, suas particularidades botânicas, sua raridade, o Dragoeiro tem uma grande potencialidade no setor do turismo naturalístico.

A equipa do Rotas do Fogo, em colaboração com os parceiros do projeto, já identificou alguns caminhos nos quais espécimes impressionantes podem ser admirados e está a impulsionar ações para que sejam valorizados do ponto de vista turístico. No que toca a salvaguarda da espécie, em colaboração do Parque Natural do Fogo, serão realizadas ações de proteção do ambiente natural, educação e sensibilização ambiental, mas também um programa de reprodução em viveiro e sucessiva replantação de mudas.

SABORES DO FOGO



A **Ilha do Fogo** é tão rica de **sabores** e em particular é a Ilha conhecida pela produção de **fruta**. Mamão, maçã, pêsego, marmelo, uva, banana, manga, café, etc., são produzidos aqui, frequentemente em regime de sequeiro, sobretudo nas áreas dos Mosteiros e Chã das Caldeiras, onde as condições atmosféricas permitem um ótimo desenvolvimento da horticultura e da fruticultura. Fogo é também conhecido pela produção de queijo de cabra, cuja comercialização atinge, não somente a ilha toda, mas também outras

ilhas do arquipélago.

Realçamos que a **gastronomia** constitui um aspeto importante no desenvolvimento do Turismo e em particular do Ecoturismo, que valoriza e procura ativamente todos os elementos típicos dos lugares visitados. O ecoturista quer imergir-se na realidade onde se encontra e a sua viagem deve ser também **um percurso aos sabores, pois a comida faz parte do património sociocultural dos povos!**

Neste número vamos falar do **vinho**, sua história e seus aspetos produtivos, apresentando duas importantes contribuições, a saber: a do historiador **Alberto Nunes** e a do **Presidente da Associação dos Agricultores de Chã das Caldeiras**, David Monteiro.

*Vinho Branco / Chã das Caldeiras -
Santa Catarina*

Historial da vinicultura na ilha do Fogo



A introdução da vinha e a produção do vinho em Cabo Verde e na ilha do Fogo em particular, remonta ao século XVI, logo após o povoamento. Os portugueses tiveram, desde o início, a preocupação de trazer para cá as culturas alimentares mediterrânicas que faziam parte dos seus hábitos alimentares. Neste contexto, o vinho, além de fazer parte do hábito alimentar dos portugueses, era também usado pelos sacerdotes nas cerimónias religiosas. Porém, os documentos mostram que a vinha não chegou nos primeiros momentos do povoamento das ilhas.

A ilha do Fogo revelou-se como a que melhor potencialidade tinha para o cultivo e sucesso da vinha. Nos primórdios da sua chegada era cultivada em Santo Antão, São Nicolau, Brava, Santiago e no Fogo.



No início do século XIX, os viticultores e vinicultores dinamizaram o cultivo da vinha e a produção do vinho, bem como restabeleceram o comércio com o Brasil.

Pode-se dizer que a afirmação do cultivo da vinha e da produção do vinho só vingou com largo rendimento durante os dois últimos séculos, principalmente a partir da primeira década do século XX em que passaram a cultivá-la na região de Chã das Caldeiras. Numa pesquisa feita nos anos cinquenta do século XX o geógrafo Orlando Ribeiro diz que “a cultura da vinha é hoje, no Fogo, uma sobrevivência das `boas vinhas` que outrora forneciam vinho para o Brasil”. Deve-se realçar também que depois das pesquisas desse conceituado geógrafo, presencia-se após a independência um significativo crescimento do cultivo de boas cepas e produção de muitos e bons vinhos.

Realçar ainda que a intervenção da cooperação

Alemã a partir da década de 80 do século XX (1982/84) em que foram construídas as duas adegas de Chã das Caldeiras (Santa Catarina) e de Achada Grande (Mosteiros) e com o financiamento de alguns equipamentos que dotaram essas infraestruturas de condições modernas e muito recentemente a partir de 2005 com o projeto da vinha Maria Chave a plantaçoão da vinha aumentou significativamente bem como a produção do vinho na ilha do Fogo.

Hoje a ilha conta com três grandes adegas de Produção do vinho: Adega “Chã”, situada no concelho de Santa Catarina, Adega “Sodade” no concelho dos Mosteiros e Adega “Maria Chaves” situada no concelho de São Filipe. O vinho do Fogo é muito apreciado hoje a nível local, regional, nacional e internacional.

Os vinhos produzidos por essas Adegas são vinhos de alta qualidade e que têm competido com os vinhos estrangeiros, quer aqui em Cabo Verde como também nos outros países estrangeiros.

Na verdade, após a criação das Associações de viticultores e vinicultores de Chã das Caldeiras (fundada em 1998, com a contribuição dos Governos italiano e Cabo-verdiano, que recebeu também, o apoio técnico da ONG COSPE), Achada Grande e a construção da adega Maria Chaves a história da vinha e do vinho mudou e a ilha do Fogo foi projetada a um patamar sem precedente.

Alberto Nunes
Historiador



Aspetos técnicos da vinicultura e vinhos do Fogo



O vinho é um dos produtos mais emblemáticos da ilha do Fogo e a cultura das videiras constitui também um aspeto sociocultural caracterizador do povo fogueense.

Os resultados melhores no cultivo da vinha, na Ilha do Fogo, conseguem-se numa altitude variável entre 1.500 e 2.000 metros. A cultura pratica-se nos terrenos não ocupados pelas escoadas lávicas, de media ou forte inclinação. Ao plantar remove-se o primeiro estrato do solo, até encontrar o terreno fértil, formando covas de 30cm até um metro de profundidade. É uma cultura que não precisa de muito cuidado e as intervenções limitam-se à poda invernal e ao tratamento contro o Oídio, única doença significativa que afeta a videira na nossa Ilha, sendo a irrigação e a utilização de adubos químicos desnecessárias.

No Fogo produz-se quatro tipos de vinho, designadamente o Tinto, o Branco, o Rosé e o Passito. O primeiro é obtido fermentando a uva juntamente com a casca. Tem cor vermelha escura com tonalidades roxas, com sabor que lembra o da amora silvestre e da cereja. A graduação alcoólica é de 14°. Suas características são mais apreciadas se servido a uma temperatura de 18-20°C e normalmente é utilizado para acom-

panhar pratos de carne.

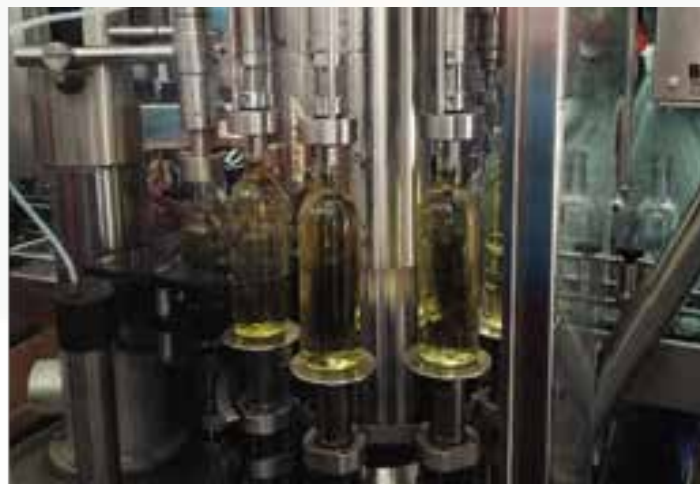
O vinho Branco apresenta cor dourada e claridade brilhante, com cheiro aromático. Sua graduação alcoólica é de 14°. Este vinho presta-se muito bem como aperitivo ou para acompanhar pratos de peixe e mariscos. A temperatura de consumo aconselhada é de 10-11°C.

O Rosé é obtido utilizando a uva preta tradicional, esmagada e prensada logo a seguir. A cor é rosé com tom brilhante. Seu cheiro faz lembrar o de frutos aromáticos como o morango, enquanto o sabor é acabado e fino. A graduação alcoólica é de 14° e seu consumo é recomendado a uma temperatura de 10-11°C, para acompanhar pratos de peixe e mariscos.

O vinho Passito é obtido pela utilização de uva branca moscatel secada nas pedras lávicas de Chã das Caldeiras. É um vinho encorpado, tendo uma cor ambarada. Apresenta um cheiro doce, lembrando o de fruta seca. Desenvolve suas melhores qualidades se bebido a uma temperatura de 12-14°, acompanhado por biscoitos e sobremesas, mas pode ser bebido sozinho também, sendo um “vinho de meditação”.

David Monteiro

Presidente da Associação dos Agricultores de Chã das Caldeiras



HISTÓRIA, SOCIEDADE E CULTURA FOGUENSES

Fogo, além de possuir um imenso valor naturalístico, herdou, da sua história humana, começada há quase seis séculos, um outro grande património material e imaterial que faz com que os fogueenses possam sentir-se orgulhosos de conservar e mostrar aos visitantes. Este património é constituído por seus inúmeros elementos artísticos, linguísticos, musicais, arquitetónicos e muito mais.

Nesta rubrica pretendemos destacar, a cada vez, um elemento caracterizador deste património, tentando valorizar os frutos da história do Fogo, uma história que incorpora traços africanos, mediterrâneos, europeus e, mais recentemente, elementos americanos também.



Sobrados

A Ilha do Fogo é conhecida carinhosamente como a “**Ilha dos sobrados**” por possuir, principalmente na zona baixa da cidade de São Filipe, imponentes sobrados, que atestam o estilo de vida de uma determinada época. Conforme informações da equipa de **inventário e classificação do património histórico**, existem atualmente na baixa da Cidade **54 sobrados**. Esses edifícios surgiram num tempo em que a economia baseava-se sobretudo na agricultura e no comércio, atividades que determinaram, de certo modo, a configuração dessas construções, que constam de dois pisos, sendo o primeiro destinado a comércio e

armazém e o segundo piso constituía a habitação da família.

Os Sobrados do Fogo são réplicas das casas rurais portuguesas, tendo-se iniciado no interior das propriedades agrícolas e só mais tarde reproduzidas na cidade, com a degradação da produção agrícola.

Essas construções normalmente têm a forma de C ou L, são de dois pisos, sendo o primeiro piso composto por loja e armazém, um pátio interior normalmente empedrado, onde os serviçais da casa realizam os afazeres do dia-a-dia (debulha de milho e feijões, nalguns casos café, moagem do milho, etc.). Têm ainda um quintal exterior, térreo, aonde em regra ficam os animais. Em muitos casos eram providas de uma despensa e, nalgumas situações, um quarto para os criados mais próximos.

O primeiro piso era para uso habitacional, destacando-se grandes compartimentos, bem mobilados e bem arranjados, são construções com grandes portas, janelas e sacadas.

Os primeiros sobrados não dispunham de varanda, sendo que essas vieram a ser introduzidas mais tarde, por influência de emigrantes dos Estados Unidos da América, conforme Fausto do Rosário.

Nem todos os sobrados revelavam igual esmero na organização e decoração: Segundo Orlando Ribeiro, havia um segundo conjunto de sobrados, estes adquiridos e/ou construídos pelos “americanos”, que ostentavam mobiliário importado daquele país, mas nalguns casos mal organizados e mal cuidados, tendo na parede algumas telas de gosto discutível, gastas pelo tempo.

A sua estrutura arquitetónica é tipicamente portuguesa, adaptada às condições climáticas, sociais e culturais, sendo casas altas, de muitas portas (o que lhes confere um excelente arejamento e luminosidade), e poucas janelas, reproduzindo uma organização de funcionalidades muito corrente nas construções rurais portuguesas.

Os sobrados contêm todos uma história e um estatuto e eram objeto de comparação do nível de posse de cada família. Inicialmente eram propriedades dos portugueses, mas com a degradação económica, devido à redução da produção na agricultura, à perda das terras por razões várias e à diminuição da expressão do comércio, começaram a surgir alguns mulatos com posses que adquiriram por compra ou construíram de raiz um ou outro sobrado, sempre sob a reprovação da classe “branca”, conforme narrativa do escritor Teixeira de Sousa.

Os sobrados contam a história de um tempo, mas não ficam por aí: são depositários do processo de evolução das classes sociais, que importa preservar para uso das gerações futuras.

Do ponto de vista de valoração turística, deve-se

trabalhar não só a história dos sobrados isoladamente, mas todo o conjunto, designadamente o valor patrimonial do centro histórico de São Filipe, que até já foi declarado património nacional. Criou-se uma Curadoria da Cidade que se propôs de imediato tratar desse assunto, na sua vertente conservação e preservação, documentação técnica e catalogação, mas, essa instituição teve pouco tempo de vida, não tendo podido chegar ao resultado pretendido.

Artur Cardoso





Fogo tem muitos lugares onde se pode admirar paisagens maravilhosas, que amplificam as emoções e transmitem quietude e paz. São janelas abertas sobre a beleza da Ilha.

Miradouro de Monte Nho Checo (Mosteiros)

Entre o azul do mar e o esverdeado das plantas que pintam as montanhas, o miradouro de Monte Nho Checo oferece uma vista de 360° que é de relaxar o coração.

A vista panorâmica sobre a Cidade de Igreja –

Mosteiros, a 172 metros de altitude, é uma mistura de emoções: o azul do mar combina com a lava preta que o mesmo beija incessantemente, produzindo um belo contraste. O Miradouro oferece uma das mais lindas vistas sobre o centro da cidade de Igreja. Autocarros, hiaces e demais veículos parados no miradouro é um cenário comum ao qual já nos acostumamos. É impossível passar sem contemplar a vista. Ela mesma chama e convida os visitantes. Em dias claros, de tempo limpo e poucas nuvens, é possível distinguir na linha do horizonte os contornos, quase que de silhueta, da Ilha de Santiago.

Situado a apenas 5 minutos de carro do centro da cidade e 30 minutos a pé, o acesso é fácil para qualquer um. O lugar é inspirador, calmo e dá tranquilidade. À medida que se faz o giro, o cenário muda, passando por vales, montanhas, mar, árvores, flores e povoados em volta.

O miradouro de Monte Nho Checo é uma Tv HD sintonizada nos Mosteiros. O comando está nos teus olhos. Escolha o teu cenário e dê zoom na vista.



*Jelson Pires
Mobilizador Comunitário
(Equipa da COSPE)*

ENTREVISTA

Carlos Fernandinho Teixeira, Presidente da Câmara Municipal de São Filipe



1. Senhor Presidente, qual é a sua perceção sobre o setor do turismo na Ilha do Fogo?

Turismo na ilha do Fogo, considero-o algo ainda incipiente e, por isso, muito aquém do seu enorme potencial. Os sinais são positivos e, aos poucos, vamos notando que há demanda e alguns operadores já estão atentos a isso. Entretanto, não podemos deixar de chamar atenção para a requalificação da oferta com foco nalguns pontos cruciais como o conjunto arquitetónico-patrimonial de São Filipe, o perímetro do Vulcão e da Chã das Caldeiras, as zonas altas de café dos Mosteiros e o Parque Florestal, assim como na melhoria das infraestruturas portuárias, aeroportuárias, rodoviárias hoteleiras e da restauração. Precisariamos também de dar impulso turístico às nossas festas populares, à nossa gastronomia e ao nosso vinho. Fogo tem potencial e muito, mas falta uma sociedade de desenvolvimento que se oriente para tal.

2. Quais os pontos fortes e as fraquezas que o setor enfrenta na ilha do Fogo?

Há vários pontos fortes. O principal é o próprio fogueense e a sua produção cultural singular e diferenciada, patente nas festas populares em vários pontos da ilha. Temos também o Vulcão, que é um

património natural raro e emblemático. Na faixa africana do Sahel, temos o único vulcão ativo conhecido, o que provoca interesse e curiosidade. Não se pode falar do Vulcão sem pensar na Chã das Caldeiras, com a sua paisagem própria. Cada localidade da ilha apresenta pontos de atração turística. Entre as fraquezas, admitamos as infraestruturas insuficientes e os transportes precários. A ligação aérea e marítima precisa de melhor qualidade e de mais frequência. Falta um aeroporto internacional e um porto que possa receber navios cruzeiros. Falta também fechar oanel rodoviário da ilha, colocar sinalética, informação turística e criar mais e melhores roteiros, assim como reconfigurar os agentes e os guias para um turismo de conhecimento. Poderíamos ser um caso paradigmático do desenvolvimento das energias renováveis, mas não somos. Poderíamos ter na ilha uma escola hoteleira, bem como mais unidades hoteleiras. Estamos deficitários em termos de qualificação da oferta.

3. Que avaliação faz da ação dos operadores turísticos locais, têm suficientemente diversificado a oferta turística no Fogo?

Se compararmos a ilha do Fogo dos anos de 1991 a esta data, consideramos que houve uma evolução muito grande dos nossos operadores na área de hotelaria. Até aquela data contávamos com a Pousada Municipal e Hotel Xaguate. Hoje contamos com dezenas de pensões e hotéis com boas condições de acolhimento, fruto do engajamento desses operadores. Precisamos de hotéis de 4 e de 5 estrelas, bem como de mais resorts. Resta-nos melhorar em termos de serviços e qualificação dos agentes. Hoje temos varias agências turísticas que prestam bons serviços e considera-se também positivo a intervenção do projeto F.A.T.A., uma iniciativa cofinanciada pela União Europeia e implementado pela ONG italiana COSPE, em parceria com a Câmara Municipal dos Mosteiros. Entretanto, estamos ainda numa fase incipiente, como já disse. Precisamos agregar à nossa oferta o fator cultural, que é o que nos diferencia.



4. Qual tem sido a contribuição das Instituições nacionais e locais para a promoção do turismo na ilha do fogo?

As entidades do Fogo, têm feito alguma coisa para qualificar a promoção do turismo no Fogo. Os dois Projetos, F.A.T.A. e Rotas do Fogo, fruto das parcerias entre a Câmara Municipal dos Mosteiros, COSPE, Parque Natural do Fogo e Associação dos Guias Turísticos da Chã das Caldeiras são disso prova. Acredito a implementação destes projetos tenha estimulado uma parceria de animação, capaz e vem comprometendo todos os atores sociais e económicos ligados ao Setor do Turismo, mobilizando-os em torno de objetivos comuns na promoção do ecoturismo sustentável da ilha do Fogo. Acredito que as autoridades municipais e nacionais, aliados aos operadores privados, poderiam criar uma Sociedade de Desenvolvimento Turístico do Fogo, mudando efetivamente de paradigma de que Cabo Verde está exclusivamente e fadado ao destino de sol e praia. Pensarmos a ilha para um turismo ambiental, cultural e de saúde, por exemplo. É expectável, no quadro dos projetos acima mencionados, uma melhoria efetiva na organização dos operadores da área do turismo, a sistematização das ações e o reforço de intervenções no ecoturismo, proporcionando o aumento da quantidade e da qualidade de produtos turísticos à escala Regional (ilha). Acho que é preciso reconhecer isso.

5. Quais são os atrativos turísticos dos Mosteiros que ainda não foram suficientemente explorados?

Nos Mosteiros temos vários pontos turísticos por explorar nomeadamente a Baía de Corvo que durante todo o ano o mar é calmo e apresenta-se em condições para navegar, para fazer pescas desportivas, mergulhos etc.; o Morro Djéu uma das maravilhas dos Mosteiros, que muito bem se poderá desenvolver excursão via marítima e trekking via Atalaia;

os Cafezais seculares e os frutos biológicos; a densa e extensa zona Florestal de Monte Velha, que nos convida a um Turismo trekking e da Montanha, o Mar do beco com quase uma piscina natural, após o turismo de trekking, somos convidados a um mergulho ou uma pesca artesanal. Temos de alavancar o Museu do Café, fazendo jus ao café do Fogo, reconhecido como um dos melhores do mundo.

6. Fala-se muito no potencial turístico do Fogo, que ações acha deveriam ser empreendidas para converter essa potencialidade em oportunidade?

O Fogo é uma ilha agrícola, mas o seu grande potencial para o desenvolvimento advirá do turismo, inclusive o turismo interno e da nossa emigração. De há muito que falámos sobre o não sermos uma ilha pobre. Somos uma ilha com potencial de gerar riqueza. Não podemos adiar mais a mudança do nosso paradigma de desenvolvimento. A agricultura, a pecuária, a pesca e o comércio, que fazem a pequena dinâmica económica da ilha, precisam estar articuladas a um eixo motor que é o turismo. Não entender isso é uma mensagem política perversa e a ilha já não tem mais tempo de espera.

EVENTOS

1. Abertura Espaço 24/ Centrum Sete Sois Sete Luas

Quem vem à Ilha do fogo, precisa conhecer este novo Espaço, localizado no Alto São Pedro, o lugar onde se encontra: gastronomia típica local, arte, cultura e convívio, num ambiente aconchegante e familiar. A parceria entre o Espaço 24 e o Centrum Sete Sóis Sete Luas, é uma sinergia que tem como objetivo comum promover a conservação da cultura na Ilha do Fogo bem como o intercâmbio cultural e a valorização dos produtos locais.



Espaço 24

Ordinário Cultural Convívio



Festival
Sete Sóis Sete Luas

2. Festa do Município de São Filipe

Realizadas durante a última semana de Abril, as Festas de São Filipe são um ícone da Ilha do Fogo e trazem todos os anos milhares de pessoas, das outras Ilhas e do estrangeiro (emigrantes), sendo uma semana de grande movimentação, em que hotéis e residenciais estão lotados. Essas festas são um atrativo turístico muito importante, devendo ser divulgadas como um evento social e cultural de relevo.



Existem na Ilha do Fogo um número razoável de Festas de romaria, vulgarmente chamadas Festas de bandeira e são dedicados a vários santos. Essas festas, normalmente evocando um santo, são uma mistura de sagrado e profano e em regra demoram três dias: a antevéspera, em que se organiza o canizade, uma máscara e dança que se diz de origem africana. A véspera, em que é dado um baile na casa do festeiro, e o dia da bandeira propriamente dito, que consiste, em regra, numa cerimónia religiosa e almoço. Quase todas estas festas têm dois festeiros: a praia, que é a festa mais modesta e só tem lugar no dia da bandeira, e a bandeira grande, que é mais faustosa.

Entre essas festas destacam-se: **São Filipe** - Celebra-se dias 10/11 de Maio, no Município dos Mosteiros; **Sta. Rita** - 21/22 Maio; **Sto. António** - 13 Junho; **S. João** - 24 Junho. É o santo mais popular, celebrado em muitas zonas do Fogo; **S. Pedro** - 29 Junho; **S. Paulo** - 06 Julho; **Festa da Nossa Senhora Rainha de Cabo Verde** festejada só em Chã das Caldeiras e **S. Paulinho** – festejado em duas zonas do Concelho de São Filipe e uma zona dos Mosteiros - Segundo Domingo de Julho; **Festa "Nha Santana"** - Último Domingo de Julho.





Rotas do Fogo

Parceiros e Associados





Projeto Co-financiado
pela União Europeia

O Projeto Rotas do Fogo é cofinanciado pela União Europeia e implementado pela COSPE.
As opiniões expressas nesta publicação não refletem necessariamente as opiniões da União Europeia.

COSPE Onlus - Rotas do Fogo
São Filipe - Ilha do Fogo
Tel. (+238) 358 13 31 / Mvl. (+238) 580 45 47
giovanni.barbagli@cospe.org

www.cospe.org

 Rotas do Fogo

 rotas_do_fogo